

# Poscestralidades: temporalidades dissolvidas entre ancestralidade, ficção científica e cibernética <sup>1</sup>

*Post-Ancestrality: Dissolved Temporalities Between Ancestrality, Science Fiction, and Cybernetics*<sup>2</sup>

**Cláudio Henrique Eurípedes de Oliveira**

Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

claudioeditorstrondum@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0006-9998-1938>

<http://lattes.cnpq.br/6793297639857630>

<sup>1</sup> [NT] Quando necessário, recorreremos ao prompt de IA gerado no ChatGPT para verificação gramatical em língua portuguesa e estrangeira.

<sup>2</sup> O termo *post-ancestrality* é um neologismo proposto para dar conta de formas de ancestralidade que não se limitam à genealogia linear nem a categorias identitárias fixas. Inspirado em práticas como o afrofuturismo, o ciberfeminismo e a hauntologia, o conceito designa uma reconfiguração especulativa da ancestralidade em diálogo com tecnologias, ficções e temporalidades não lineares. A construção linguística do termo segue a tradição crítica de neologismos como posthumanism (BRAIDOTTI, 2013), *hauntology* (DERRIDA, 1993; FISHER, 2014), e Afrofuturism (ESHUN, 1998; WOMACK, 2013), sendo empregada aqui como ferramenta teórica para pensar a co-presença entre passado, presente e futuro em regimes de saber e sensibilidade contemporâneos.

**Resumo:** Este artigo introduz o conceito de *poscestralidade* como ferramenta teórica para repensar relações temporais, articulando ancestralidade, cibernética e ficção científica. Ao desafiar a linearidade cronológica e as narrativas hegemônicas, a ancestralidade é entendida como processo dinâmico, moldado por tecnologias, ecologias e culturas. A *poscestralidade* reinscreve o passado no presente e o projeta no futuro por meio de práticas como *afrofuturismo* (ESHUN, 1998, WOMACK, 2013), *ciberfeminismo* (HARAWAY, 1997) e *hauntologia* (DERRIDA, 1994). Dialoga-se com Stuart Hall (2003; 2015) sobre identidade cultural e com autoras como Octavia Butler (2004), Donna Haraway (2016) e N. Katherine Hayles (1999), que exploram conexões entre biologia, cultura e informação. A ficção científica emerge como campo especulativo onde corpos híbridos e circuitos informacionais desfazem fronteiras entre natural e artificial, reconfigurando criticamente a experiência histórica.

**Palavras-chave:** Afrofuturismo; Cibernética; Hauntologia; Ancestralidade; Ficção Científica

**Abstract:** This article introduces the concept of *post-ancestrality* as a theoretical tool to rethink temporal relations, articulating ancestry, cybernetics, and science fiction. By challenging chronological linearity and hegemonic narratives, ancestry is understood as a dynamic process shaped by technologies, ecologies, and cultures. *Post-ancestrality* reinscribes the past into the present and projects it into the future through practices such as *Afrofuturism* (ESHUN, 1998; WOMACK, 2013), *Cyberfeminism* (HARAWAY, 1997), and *Hauntology* (DERRIDA, 1994). The article engages with Stuart Hall (HALL, 2003; 2015) on cultural identity and with authors such as Octavia Butler (2004), Donna Haraway (2016), and N. Katherine Hayles (1999), who explore interconnections between biology, culture, and information. Science fiction emerges as a speculative field in which hybrid bodies and informational circuits dissolve boundaries between the natural and the artificial, critically reconfiguring

**Keywords:** Afrofuturism; Cybernetics; Hauntology; Ancestry; Science Fiction

## Introdução

Quando as falas de outrem são silenciadas ou deformadas, reforça-se, inevitavelmente, o discurso hegemônico. Tal risco torna-se ainda mais evidente ao se considerar que todo conceito carrega uma dualidade inerente. Um conceito, portanto, implica uma ambiguidade modal: aquilo que é e aquilo que poderia ter sido — uma tensão entre atualidade e virtualidade. Assim, compromete-se não apenas com sua positividade, mas também com a negatividade do que foi silenciado.

Diante de um contexto de múltiplas apropriações do capitalismo sobre discursos ecológicos e de reparação social, é imprescindível estabelecer uma crítica de valores que transcenda a superficialidade. Nesse sentido, o *ciberfeminismo* (HARAWAY, 1997, 2016) abre um caminho necessário para enfrentar as complexidades ecossistêmicas em diálogo com as crises contemporâneas. Ao fazê-lo, propõe uma *filosofia da conexão*, estabelecendo novas articulações entre ontologia e epistemologia.

Com essa *filosofia da conexão*, visa-se à *transdisciplinaridade* — ainda que desafiadora — orientada pelo engajamento crítico e pela ficção especulativa. Essa abordagem tem como suporte pensadoras como Donna Haraway (1997, 2016), Karen Barad (2007) e a análise cibernética de N. Katherine Hayles (1999).

Conjuntamente, essas perspectivas compõem o que chamamos de universalidade localizada — um campo no qual as particularidades não se anulam em nome de um todo, mas, ao contrário, o constituem em diálogo com as próprias singularidades. Dessa forma, constrói-se uma ressonância com as perspectivas relacionais, criando um campo que abarca, também, os afrofuturistas como Octavia Butler (2004), Kodwo Eshun (1998) e Ytasha L. Womack (2013), bem como os estudos culturais de Stuart Hall (2003, 2015).

Esse campo relacional abre possibilidades para pensar os registros históricos de maneira modal, atribuindo-lhes uma potencialidade atemporal que ressoa nos corpos em contextos contemporâneos. A ancestralidade evoca, assim, uma *presença-ausência* que, no entanto, não dissolve o corpo enquanto unidade cibernética. Dessa forma, torna-se essencial explorar as ligações morfológicas entre corpo, paisagem e tecnologia, que operam na circulação e produção de informação.

Nesse sentido, o espectro de Derrida (1994) oferece um caminho expansivo para pensar a ancestralidade como um reformulador de paradigmas. Tal horizonte modal potencializa os fatos para além da memória, tornando-os capazes de reconfigurar o presente e projetar-se no futuro. Mas como pode aquilo que já passou reconstruir-se no presente e abrir caminhos para o porvir?

Com efeito, a dinâmica desta pesquisa nos posiciona em um campo que exige precisão conceitual. Nesse horizonte, a *poscestralidade* deve ser formulada como uma noção capaz de articular as ancestralidades às condições contemporâneas de coexistência. Essa coexistência se materializa em corpos pós-humanos, nos quais tecnologia, biologia e paisagem se interpenetram de modo não linear, subvertendo as narrativas dominantes de progresso e evolução. Assim, a *poscestralidade* surge como uma contingência ativa, apropriada para resgatar temporalidades alternativas e articular dimensões *biossociais* que não se restringem a grupos étnicos específicos, mas abarcam a humanidade em sua totalidade.

Para abordar a complexidade exacerbada dessas relações, fazemos uso da lógica *difratada*, uma abordagem metodológica inspirada na física quântica, que se concentra nos padrões de interferência e diferença. Tal perspectiva permite sua aplicação a aspectos modais e *transcontextuais*, ao evidenciar a capacidade de um conceito ou fenômeno de transcender contextos específicos, mantendo sua relevância e funcionando como uma ferramenta inicial na construção de um protótipo metodológico.

Esse protótipo busca contemplar as interações e vislumbrar potenciais campos de estudo. Reconhecemos que, como defende Barad (2007), a realidade é formada por intra-atividades. Isso significa que os fenômenos são interdependentes e coconstruídos nas relações. Além disso, a perspectiva de *transcontextualidade*, proposta por Bateson (2016), destaca a importância de entender as interações dentro de múltiplos contextos interligados. Essa abordagem enfatiza que cada relacionamento é dinâmico e complexo.

## *Horizonte para poscestralidade: espaço coagulante na localidade expandida*

Iniciemos nossa reflexão ancorados na *lógica difratada*, a qual propõe o estudo de diversos fenômenos a partir de seu potencial de reverberação — efeito das sinuosidades intracontextuais que envolvem um referente. A partir dessa base, adotamos a perspectiva da identidade cultural como construção dinâmica de primeira ordem, em que, de um único ponto, desdobram-se várias possibilidades, revelando como indivíduos e grupos sociais constroem, de forma múltipla, suas próprias perspectivas de mundo.

À luz dessa cosmologia, tomamos como referência a análise de Stuart Hall (2015) sobre a cultura da identidade. Em sua obra, o autor introduz o conceito de identidade cultural como um processo dinâmico, atravessado por deslocamentos históricos, sociais e políticos. Sua abordagem enfatiza a diáspora como espaço de negociação e reconstrução, onde passado e presente se entrelaçam na formação de novas subjetividades.

Ora, se a cultura compreende o modo como o ser humano se comporta, expressa-se e constrói símbolos, a identidade cultural também implica a relação entre os seres humanos e seus antepassados em suas múltiplas dimensões. Assim, suscita questionamentos que tangenciam as noções de originalidade, permanência e transformação.

Isso se deve ao fato de que a dinâmica histórica pode engendrar traços narrativos que dialogam com os pontos discutidos por Hall (2015). Com base nessa abordagem, propomos explorar as interconexões entre ancestralidade e contemporaneidade, em articulação com questões levantadas por cientistas sociais cujas interpretações divergem quanto aos processos de filiação e continuidade.

Nesse contexto, torna-se fundamental refletir sobre termos como *necessidade*, *possibilidade e impossibilidade*. Organizados sob a forma de um espectro modal, tais conceitos permitem compreender diferentes realidades — sejam elas viáveis ou inviáveis — no âmbito da cultura e da identidade.

Hall (2015), em sua obra *Cultural Identity and Diaspora*, localiza a identidade cultural a partir de uma concepção inicial, a qual se desdobra em outras posições, partindo do seguinte ponto:

A primeira posição define ‘identidade cultural’ em termos de uma cultura compartilhada, uma espécie de ‘um verdadeiro eu’ coletivo, escondido entre os muitos outros ‘eus’ mais superficiais ou artificialmente impostos, pessoas com uma história e ascendência compartilhadas” (HALL, 2015: 223).

Todavia, a proposta ora apresentada vai além dessa posição inicial, centrada na recuperação e transmissão de um passado irrevogável. Em vez de uma visão tradicional, propomos uma projeção que se entrelace com os dilemas contemporâneos — políticos, econômicos, ecológicos e tecnológicos — sem perder de vista as raízes ancestrais. Trata-se, portanto, de construir um conceito que funcione como um *locus* necessário, um ponto de ancoragem para o pensamento, essencial a uma reflexão profunda.

Contudo, esse *locus* deve também possuir uma propriedade *spectral* que transcenda a linearidade temporal, permitindo uma interação dinâmica entre passado, presente e futuro. Eis o paradoxo que se impõe: como calcular as entidades passadas a partir de um presente instável? E como inferir possibilidades futuras diante de uma identidade em constante transformação? O que emerge desse dilema é uma tensão relacional que, sob uma análise aristotélica, pareceria paradoxal: ao mesmo tempo em que identidade e cultura são ancoradas no passado, sua reconstrução contínua nega a fixidez dessa ancoragem.

Para evitar tal impasse, é necessário decompor as questões em dois aspectos distintos e complementares: *causas internas* e *causas externas*.

1. As *causas internas* envolvem fatores psicológicos, comportamentais e identitários que influenciam diretamente a percepção e a ação dos indivíduos.
2. As *causas externas*, por sua vez, referem-se a influências sociais, culturais e ambientais que moldam o contexto no qual os indivíduos estão inseridos.

A relação entre esses dois aspectos revela como fatores internos e externos dialogam na construção da identidade e na percepção da realidade. Inicialmente, essa interação se configura como temporal e dinâmica, refletindo instabilidade. Essa dinâmica pode ser compreendida como uma relação entre necessidade e possibilidade, evidenciando a importância de condições que variam conforme o contexto.

Como consequência, emerge uma dualidade, na qual um ponto aparentemente estável (as causas internas) se contrapõe a outro instável (as causas externas), criando uma relação dinâmica entre ambos. Essa abordagem não é linear, pois reconhece a interconexão e a

influência mútua entre diversas causas, permitindo que novos fenômenos surjam a partir dessas interações.

Esse fenômeno pode ser exemplificado pela distinção entre passado e presente: o passado é fixo e imutável, enquanto o presente é mutável e dinâmico. Essa diferenciação ilustra como a causa externa (o passado) não pode ser modificada, enquanto o presente, influenciado por fatores internos e externos, encontra-se em constante transformação.

Além disso, a identidade é fluida e mutável, impossibilitando uma conclusão definitiva. Tanto as causas internas (como percepções e experiências pessoais) quanto as externas (influências culturais e sociais) moldam essa identidade de maneira contingente, evidenciando a complexidade dos processos de formação e metamorfose identitária.

Essas instabilidades revelam, então, que, embora os eventos do passado sejam fixos e imutáveis, sua interpretação no presente está sujeita a variações significativas. O passado, portanto, não se altera, mas sua leitura e influência se transformam constantemente. Dessa forma, a construção de possibilidades pressupõe, inevitavelmente, a existência de algo necessário.

A ficção científica ilustra bem tal fenômeno, ao imaginar mundos que afirmam a existência de outros mundos a partir das condições ecossistêmicas do planeta Terra, cujas leis são, então, especuladas sob outra lógica. Essa análise demonstra que, para compreender tal complexidade, é essencial adotar um modelo que aborde a interdependência entre causas internas e externas.

As interações entre essas causas são essenciais para compreender as instabilidades que definem a experiência humana, evitando conclusões simplistas. Assim, poderemos abordar, com maior profundidade, a complexidade das relações que estruturam o entendimento sobre o mundo. Se a análise busca explorar a necessidade e a possibilidade, o conceito de construção de mundos surge como alternativa.

O *afrofuturismo* apresenta-se como proposta relevante, enquanto movimento cultural e estético, ao integrar a ficção científica com narrativas históricas alternativas e a valorização da tecnologia, permitindo reimaginar o passado e projetar futuros distintos — sobretudo a partir das experiências negras e diaspóricas. Ademais, essa lógica pode ser expandida a outros povos.

Nesse compasso, o *afrofuturismo* abre caminhos para repensar a ancestralidade sem negligenciar as urgências do presente. Embora a multiartista Ytasha L. Womack (2013) o defina

como um meio de conectar o futuro à perspectiva da cultura negra, seus horizontes não se restringem a uma única etnia. Ao contrário, o *afrofuturismo* nos ensina que imaginar o *porvir* pelas lentes de povos historicamente silenciados constitui, também, um gesto de liberdade. Mais que uma estética, trata-se de uma prática que entrelaça imaginação, memória, tecnologia e emancipação (ESHUN, 1998, WOMACK, 2013).

Ao propor outros modos de existência no tempo, o *afrofuturismo* desafia o discurso que nega futuro a determinadas vidas e reconhece que, mesmo atravessados por contextos de opressão, os corpos minorizados continuam a ser afetados — e transformados — pelos avanços *tecnocientíficos* (ESHUN, 1998, WOMACK, 2013).

A partir dessas reflexões, a inércia cultural identificada por Hall (2015) começa a ser tensionada. Ao considerar outras perspectivas sobre a identidade cultural, ele admite que ela assume uma segunda posição: “A identidade cultural, neste segundo sentido, é uma questão de ‘tornar-se’ assim como de ‘ser’. Pertence tanto ao futuro quanto ao passado” (HALL, 2015 : 225).

Ainda que pertinente, essa proposição intensifica o dilema inicial, pois reforça a dinâmica cultural, gerando ainda mais instabilidade ao conceber o passado como um contínuo *tornar-se-com*<sup>3</sup>. Tal conclusão torna-se evidente quando o *ciberfeminismo* (HARAWAY 1997, 2016) e o *afrofuturismo* (ESHUN, 1998, WOMACK, 2013) são *transcontextualizados* (BATESON, 2016) no presente. O problema da temporalidade, então, é ampliado, sem que se estabeleça uma base estável para uma compreensão mais profunda da ancestralidade.

Ademais, a contingência de natureza relacional indica que o passado é imutável, ao passo que presente e futuro são mutáveis. As identidades dos indivíduos, por sua vez, também se mostram mutáveis, pois dependem das circunstâncias interpretativas.

Portanto, é legítimo sugerir que o tempo, ontologicamente, está necessariamente relacionado às suas fases. Se o passado é mutável, então o presente e o futuro também o são. Por outro lado, se o passado é imutável, as demais fases temporais não podem assumir caráter oposto. Da mesma forma, se o indivíduo possui uma identidade em constante transformação, o tempo não pode ser concebido como inteiramente fixo, uma vez que a existência se desenvolve

---

<sup>3</sup> [NT] 'Tornar-se-com' é um termo que apropriamos de Donna Haraway, sobretudo em seu livro *Staying with the Trouble: Making Kin in the Chthulucene*. Nele, a autora argumenta que as crises geradas pelo Antropoceno e pelo Plantationceno não possuem uma solução definitiva, mas exigem uma mudança na forma como nos relacionamos com o mundo. Em vez de buscar uma reversão impossível, Haraway propõe que devemos aprender a conviver com o problema, assumindo nossa condição de seres em coabitação e interdependência com múltiplas formas de vida.

em seu interior. Em última instância, o tempo pode ser mutável mesmo quando a identidade do sujeito parece estável, pois essa depende de como é interpretada e narrada — ainda que o tempo mantenha uma dinâmica própria.

Sob esse prisma, a existência torna-se uma questão de possibilidade e necessidade, como lembra Leibniz (1980 : 32, §4), que, por meio de seu avatar filosófico Filaleto, enuncia: “Tudo o que é, é; e é impossível que uma coisa seja e não seja ao mesmo tempo.” No entanto, a verdade, tal como expressa, pode ser manipulada ou reinterpretada conforme o contexto e a intenção de quem a enuncia.

Diante dessas considerações, a análise das propriedades do modo relacional entre ser humano e ancestralidade dependerá de seu contexto circunstancial. Isso porque é necessário avaliar as alternativas disponíveis para categorizar tal modo relacional como *necessário*, *contingente*, *possível* ou *impossível*. Ao admitirmos que a identidade se constrói juntamente com a cultura — na qual o passado está em constante reconstrução —, compreendemos que a história se dinamiza. Nesse sentido, emerge a questão da inércia cultural, em que os modos relacionais entre ancestralidade e humanidade se tornam os qualificadores dessa complexa e móvel dinâmica temporal.

## ***O Locus Imersivo: Transcontextualidade e a Criação de Mundos Possíveis***

Refletimos sobre como a identidade cultural se manifesta ao longo do tempo dinâmico da coprodução e, agora, direcionamos nosso estudo para o conceito de *locus imersivo*. Esse *locus* configura-se como um campo dinâmico que evidencia características latentes e submersas, resultantes da convergência de diferentes tempos, culturas e possibilidades. Nessa confluência, elementos não apenas se encontram, mas também se influenciam mutuamente, permitindo a emergência da *poscestralidade*.

A construção conceitual desse *locus* tem na possibilidade um fator crucial, tornando a discussão sobre a contingência de sua natureza menos relevante. Sua existência, por si só, afirma uma condição contextual que pode ser considerada inerente. Afinal, a ficção é uma necessidade humana, mesmo que pareça irrelevante em uma sociedade pragmática.

O *locus* caracteriza-se pela presença de elementos que podem ser vistos como importantes ou desimportantes, dependendo do contexto. Sua existência flutua entre possibilidade e ausência, mas revela-se fundamental para a construção de perspectivas, especialmente quando entendida como produto da ficção. Assim, afirmar que o *locus* existe ou não pode ser interpretado como uma *tautologia*, uma vez que sua natureza ficcional insere novas camadas na discussão.

Admitindo o valor da ficção, a ontologia se debruça sobre o *locus*, propondo que a existência é circunstancial e que aquilo que é considerado real pode ser desafiado por outras possibilidades. Embora limitado pela contingência fictícia, ele explora dimensões que transcendem a ideia de origem e sugerem que a realidade requer constante exploração.

Nesse panorama, a ficção não apenas cria espaços imaginativos, mas também consolida narrativas. Reconhecida sua natureza contextual, a hibridação é estruturada pelos termos modais da necessidade, da possibilidade e da contingência. Esses elementos sustentam operações *transcontextuais*, evitando que se tornem arbitrariedades especulativas.

A ficção científica, ao adotar sua abordagem especulativa, subverte perspectivas tradicionais ao revelar verdades alternativas. Dessa forma, ela atua como mediadora entre as ciências e favorece o imaginário. Por meio desse imaginário, desenvolvemos o *locus imersivo* como uma abstração para observação, permitindo uma reinterpretação da realidade.

No contexto do *afrofuturismo*, o uso da ficção científica — exemplificado por autoras como Octavia Butler (2004) — faz emergir uma ponte atemporal entre futuros imaginados e expressão cultural. Seja na música, na literatura ou no audiovisual, o *afrofuturismo* demonstra como a reinvenção da realidade pode transcender as cronologias convencionais. Alinha-se, assim, a uma perspectiva teórica que valoriza o caráter construído da realidade e o papel da ficção na criação de novas possibilidades (BUTLER, 2004, ESHUN, 1998, WOMACK, 2013).

Nesse sentido, a reconstrução de mundos possíveis nasce da necessidade de compreender a identidade cultural como um processo em constante transformação, conforme aponta Stuart Hall (2015). Esse movimento é similar às reconfigurações contínuas observadas no *locus imersivo*.

Por meio da ficção científica, o *locus imersivo* emerge como um espaço conceitual que desafia o pragmatismo do passado. Esse ambiente abstrato impulsiona a ideia de *poscestralidade*, manifestada na mutação constante do jazz — com suas quebras estruturais e

variações —, que desarticula e recombina a realidade. Ele cria, assim, um “espaço coagulante” (ESHUN, 1998), onde passado, presente e futuro se encontram em um campo de vibração e movimento, desafiando classificações binárias.

A improvisação no jazz espelha o *locus imersivo*, ao revisitar e recriar elementos conhecidos, abrindo caminhos inesperados. Nele, a ancestralidade abandona as amarras tecnocodificadas do passado e se renova, gerando configurações culturais inéditas.

Do ponto de vista semiótico e da ficção científica — como observa Greimas (1970), toda proposição é uma afirmação, mesmo quando contraditória —, o mundo concreto não é negado. Ele serve como base para projetar universos paralelos com suas próprias leis e possibilidades.

Especialmente no *afrofuturismo* (WOMACK, 2013), essas narrativas não apenas reimaginam o futuro, mas também remodelam o passado e o presente a partir de uma perspectiva negra. O *locus imersivo* torna-se um efeito dessa capacidade de transcender barreiras históricas e de imaginar novos contextos entre ancestralidade e contemporaneidade.

No próprio processo de fabulação, a composição transcende a consciência pura, manifestando-se em *assemblagens* recriadas pela espontaneidade do corpo. Essa dinâmica corporal dissolve limites de tempo e espaço, destacando heranças e invenções culturais.

Assim sendo, a ausência de Leibniz (1980) no *afrofuturismo* (BUTLER, 2004, ESHUN, 1998, WOMACK, 2013) não é absurda, tendo em vista o efeito *transcontextual* que articula tempos e conceitos contraditórios (BATESON, 2016). Tal ausência encontra compensação na relação conceitual com o locus imersivo, revelando a *a-espacialidade* compartilhada por ambos.

A atemporalidade de Leibniz (1980) e do *afrofuturismo* (BUTLER, 2004; ESHUN, 1998; WOMACK, 2013) constrói conexões epistemológicas, como a valorização da coexistência de perspectivas, elemento central do *locus imersivo*. Esse campo dinâmico resulta do encontro de múltiplas percepções conscientes e inconscientes, refletindo a *sympoiesis* de Haraway (2016) — onde organismos e ambientes evoluem juntos.

À medida que a *poscestralidade* explora conexões emergentes e redes contextuais, ela se afasta de trajetórias fixas e floresce em um ambiente de constante imersão. Essa dinâmica redefine narrativas e configura o presente como elo que atualiza a ancestralidade, promovendo sua expansão através das tecnologias contemporâneas.

## A natureza topológica e temporal do locus imersivo

O *locus imersivo*, concebido como um campo de mistura e interconexão onde múltiplas percepções se entrelaçam, revela uma natureza topológica peculiar. Assim como, em um ponto, há um plano projetivo que se destaca quando, arbitrariamente, decidimos realizar um cálculo geométrico, o *locus* se manifesta quando a atenção ou a intenção o focaliza.

Consequentemente, o agente que elabora o *locus imersivo* está intrinsecamente imerso nele. No entanto, ao direcionar a atenção — esse “cálculo” que destaca um plano projetivo —, o *locus*, agora focalizado, pode ser experienciado como um “fora”, distinguindo-se da indistinta mistura inicial. Em outras palavras, somente quando a criação consciente se volta para uma área específica, o *locus imersivo* se revela como uma entidade distinta da composição. Caso contrário, a mistura opera inconscientemente, e a construção de narrativas emerge dessa interação de abstrações.

Por outro lado, o *locus imersivo*, enquanto campo de mistura e interconexão, comporta uma “zona de aderência”, que assegura tanto a seletividade — a percepção consciente de certos aspectos — quanto a vastidão — as inúmeras outras características inconscientes. Essas interações influenciam diretamente as criações e transformações realizadas nesse espaço.

Além disso, inspirada em Leibniz (1980, 2016) e entrelaçada à noção de “zona de aderência” proposta por Donna Haraway (2016), essa linha de raciocínio sugere a geração híbrida e finita de novas ideias e composições no *locus imersivo*. Mundos possíveis são escolhidos e combinados para explorar questões ou propor soluções, enquanto outras combinações permanecem como potencial infinito dentro desse campo conceitual.

Adicionalmente, composições descartadas podem ser revisitadas e rearranjadas em outros contextos teóricos por efeito do *locus imersivo*. Nesse sentido, a criatividade opera como uma força capaz de dar forma específica a ações, teorias, gestos e falas, por meio de um uso sempre parcial e localizado. A complexidade inerente à relação entre ser humano e ecossistema encontra, nesse campo, seu ambiente de interação mais dinâmico.

Para além de sua natureza topológica, o *locus imersivo* opera também sob uma temporalidade circunstancial, alheia às convenções de tempo e espaço que regem a realidade cotidiana. Essa temporalidade manifesta-se de maneiras diversas: ora como uma onda invisível

que se difrata, ora como uma partícula definida que se materializa. Esse caráter maleável, por sua vez, encontra paralelo profundo na dinâmica da criação narrativa e da física quântica.

De forma complementar, observa-se a tendência de canonizar as construções do passado em sua própria época, como se os fatos fossem imutáveis e o passado detivesse uma autoformação inexorável que determinasse o futuro. Todavia, a perspectiva de Donna Haraway (1997, 2016) nos recorda que toda narrativa possui um narrador, cujas histórias, valores e pontos de vista moldam a própria tessitura do relato.

Ainda que eventos pretéritos, como o incêndio de uma biblioteca, não sejam apagados da história, o modo como são narrados — e os significados que lhes são atribuídos no presente — pode fundar compreensões inéditas do passado. Nesse contexto, o presente assume a faculdade de materializar um passado revisitado com responsabilidade. A construção criativa de narrativas opera, assim, por meio de pontos de contato forjados por semelhanças, transversalidades e equalizações, ultrapassando as barreiras tradicionais de *espaço-tempo*.

Por sua vez, a cibernética de Ruyer (1954), com seu conceito de *a-espacialidade*, oferece uma lente fecunda para compreender como referentes distintos — como uma pintura no norte da China e outra no sul do Brasil — podem estabelecer ligações significativas por meio de figuras, intenções ou elementos contextuais compartilhados. Essas conexões não se restringem à coincidência temporal; ao contrário, configuram-se como processos ativos de produção de sentido e reconstrução da realidade, articulados por vínculos expressos em inter e intra-relações.

Além disso, a complexa rede de relações entre o ser humano e o ecossistema dá origem ao *locus imersivo*, um campo particularmente dinâmico de interação. Nesse espaço de mistura, as múltiplas percepções — conscientes e inconscientes — dos diversos agentes, humanos ou não, convergem e se influenciam mutuamente. À luz da perspectiva da *sympoiesis* de Haraway, que enfatiza o “fazer-com” e a coevolução, o *locus* se configura como um ambiente onde todos os componentes, inclusive a relação ser humano-ecossistema, evoluem e se transformam numa intrincada dança de interdependência.

Assim, o *locus imersivo* agencia uma nova compreensão da ancestralidade, promovendo uma fusão entre o passado histórico e o presente biotecnológico-cultural. Dessa forma, ambos se libertam da rigidez simbólica que os confinava a meros instrumentos de resistência ou a figuras estáticas de culto. A *poscestralidade*, por sua vez, encontra seu fundamento em uma complexa

*intra-inter-relação* compositiva, regida pelo *algoritmo do locus imersivo* — isto é, pelas relações necessárias que governam o comportamento da dinâmica atômica no interior desse campo, conforme detalhado em seções anteriores deste texto.

Consequentemente, é por meio do presente que o passado se ramifica em uma interação dinâmica, exercendo sobre ele uma retroação, ao mesmo tempo em que impulsiona as possibilidades futuras desse mesmo passado. Embora o tempo se manifeste de maneira linear em nossa experiência corporal cotidiana, a ficção científica e a especulação inerentes ao *locus imersivo* inauguram uma via de reinvenção temporal. Longe de se restringir à cópia literal, concretiza-se como um ato criativo capaz de engendrar novas formas de sentir e compreender o mundo.

Dada essa maleabilidade temporal e a natureza dinâmica da ancestralidade que emergem do *locus imersivo*, é fundamental reconhecer que o passado, nesse contexto, não constitui uma essência estática, mas sim uma elaboração simbólica continuamente moldada pelas dinâmicas culturais e experiências transculturais (HALL, 2003). Assim, a ancestralidade ultrapassa a mera perpetuação da tradição, implicando um movimento ativo em direção à transformação “poscestral”.

Esse processo de transformação é impulsionado de maneira significativa pela disseminação cultural mediada pela tecnologia — fator que, além de moldar a *poscestralidade*, também constitui um dos elementos centrais do próprio locus imersivo. Essa abordagem não descarta a relevância da história, propondo, ao contrário, uma análise crítica de seus elementos e impactos da globalização, conforme elucidado por Stuart Hall (2003). Hall argumenta que a globalização promove uma desterritorialização das culturas, tornando mais complexa a ideia de uma origem única e fixa.

Complementando essa perspectiva sobre a desvinculação cultural e a fluidez das origens, Hall também evidencia, em sua análise sobre o multiculturalismo, a persistência de estruturas que, simultaneamente, limitam e possibilitam a ação dos sujeitos marginalizados (HALL, 2003). Expandindo essa reflexão, a *poscestralidade* emerge como um caminho para integrar as contribuições de seres silenciados e não humanos, reconhecendo sua agência na formação das culturas dentro desse campo de interconexão.

Por outro lado, ao reconhecer a agência de múltiplos atores no interior do *locus imersivo*, é fundamental observar que, mesmo em relações marcadas por assimetrias de poder, a dinâmica

de influência permanece mútua. Isso engendra rupturas e desvios que inviabilizam a formação de sistemas homogêneos. Assim como a aparente ordem da realidade encobre uma tendência à entropia — perceptível na instabilidade constante de seus subsistemas — *o locus imersivo* manifesta igualmente uma propensão à desorganização e à imprevisibilidade em suas dinâmicas internas.

Ademais, a dinâmica interna do *locus imersivo*, marcada pela *entropia* — entendida como desorganização e perda de energia — conecta-se à *exotropia*, um movimento transitório que se orienta em direção à organização ou influxo energético. No entanto, a *exotropia* não configura um estado definitivo no interior do *locus imersivo*. Pelo contrário, entropia e *exotropia* coexistem em um fluxo cíclico de alternância entre organização e desorganização, revelando sua natureza intrinsecamente mutável e transformadora.

Nesse contexto, a metáfora da *compostagem*, conforme elaborada por Donna Haraway (2016), ressoa de maneira eloquente nessa concepção, descrevendo *o locus imersivo* como um terreno em perpétua fermentação, no qual o biológico e o ficcional se entrelaçam organicamente. Assim, o que se desfaz não desaparece, mas aduba; o que se rompe não se extingue, mas se reinventa — convertendo-se em substrato vivo para novos mundos, corpos e narrativas em contínua gestação.

Dessa forma, a ancestralidade, tal como se expressa no *locus imersivo*, ultrapassa as delimitações de uma perspectiva exclusivamente humana ou de um tempo linear. Ela se apresenta como um campo vigoroso de transformação biocultural. Nesse espaço de confluência, mitos, coletividades, tecnologias e entidades transcendentais entrelaçam-se em um tecido complexo que dissolve fronteiras entre biológico e ficcional, vivido e narrado, ancestral e possível.

Nesse sentido, o *afrofuturismo* (BUTLER, 2004, ESHUN, 1998, WOMACK, 2013), ao reimaginar futuros e passados possíveis em relação ao *locus imersivo*, opera como uma força especulativa que estimula a atualização permanente da ancestralidade. Ele rejeita a fossilização temporal e acolhe o devir como um horizonte em expansão. Dessa maneira, a ancestralidade deixa de ser uma origem fixa e passa a operar como potência rizomática, capaz de multiplicar sentidos, vínculos e formas de existência.

Esse processo contínuo de metamorfose e reconfiguração, no qual o passado se entrelaça ao futuro no presente pulsante e relacional *do locus imersivo*, recebe o nome de *poscestralidade*.

Esse conceito encontra, nesse campo em permanente composição, o seu habitat natural — fértil à emergência de outras formas de vida, pensamento e mundo.

## *Entre Fantasmas e Futuro: O Passado que Assombra o Devir-Cibernético*

A ficção científica, como se expressa no afrofuturismo (BUTLER, 2004, ESHUN, 1998, WOMACK, 2013), ultrapassa o simples exercício de construção de narrativas especulativas sobre o futuro, ao tensionar o presente e explorar suas implicações latentes. Assim, a ancestralidade se desvia das limitações pragmáticas do passado, emergindo como um campo fértil de ressignificação e reinvenção. Opera de forma análoga à dinâmica que caracteriza o *locus imersivo*, um espaço conceitual de mistura e potencialidade, no qual diversos elementos se entrelaçam de maneira interdependente.

Uma abordagem análoga pode ser observada na obra *Kindred*, de Octavia Butler (2004), na qual ações aparentemente triviais desencadeiam transformações profundas no tecido temporal da narrativa. Tais transformações ecoam a dinâmica do *locus imersivo*, onde o tecido temporal é constantemente perturbado por gestos simples — um copo, um livro, uma respiração.

Esses elementos funcionam como gatilhos para saltos temporais que subvertem a rigidez da lógica linear do tempo, a qual se sustenta na separação entre passado, presente e futuro. Essa subversão temporal também é central na filosofia de Karen Barad (2017), exposta em *Meeting the Universe Halfway: Quantum Physics and the Entanglement of Matter and Meaning*.

A partir da subversão da linearidade temporal e do questionamento da dicotomia entre agente e objeto, presentes tanto em Butler (2004) quanto em Barad (2017), emerge uma dinâmica de entrelaçamento que dissolve as fronteiras entre ação e passividade. O presente, como consequência imersiva deste *locus*, manifesta-se como um ponto circunstancial a partir do qual se irradiam sentidos que conectam as contingências narrativas do passado e do futuro.

Nesse contexto, essa visão epistemológica ultrapassa as trajetórias cronológicas ortodoxas, sendo atravessada pelo drama temporal que revela, simultaneamente, agentes e

vítimas de processos históricos inacabados. Esses processos se entrelaçam no presente como formas coexistentes que, tal como a própria temporalidade do *locus imersivo*, são constantemente renegociadas pelas interações mútuas do contexto temporal.

Aprofundando essa compreensão da *poscestralidade*, percebemos que sua abordagem transcende o limite das espécies biológicas. Em vez de nos restringirmos apenas a elas, referimo-nos à totalidade do mundo vivo — organismos, espécies e comunidades — com ênfase nas relações ecossistêmicas que sustentam a vida. Nesse sentido, surge o conceito de biossocial, um espaço dinâmico no qual vida e sociedade se interpenetram e se nutrem mutuamente (HARAWAY, 1997, 2016). Assim, ao abordar simultaneamente ancestralidade, tecnologia e relações ecológicas, identificamos uma intersecção natural entre essas dimensões.

Além disso, cada bioma e cada ser vivo carrega consigo códigos — genéticos e informacionais — compondo um vasto banco de dados interligado. Esse banco conecta organismos, redes e sistemas, proporcionando uma visão holística que nos permite compreender as complexas interações entre ancestralidade, tecnologia e meio ambiente, em um movimento contínuo de ressignificação e adaptação.

Tal concepção ressoa com a proposta de Donna Haraway (1997), em *Modest\_Witness@Second\_Millennium\_Femaleman© Meets OncoMouse™*, na qual o humano contemporâneo não apenas se redefine, mas, em nossa perspectiva ficcional, torna-se *pós-hiper-humano*. Como resultado dessa transformação, o termo "pós-hiper-humano" designa uma condição conceitual que emerge após o reconhecimento da decadência da ideia de centralidade da soberania humana na modernidade.

A partir dessa mudança, o humano deixa de ser uma entidade isolada e passa a se manifestar como um ser interacional, atravessado por circuitos informacionais, genéticos, econômicos e ecológicos. Portanto, chips, sementes, linhagens e bancos de dados passam a compor um novo ecossistema híbrido, onde biologia e tecnologia se entrelaçam em um fluxo contínuo de existência.

Dessa forma, esse é o sentido do *devir-cibernético*: uma transição de uma ótica exclusivamente biológica e corporal para uma perspectiva informacional, aberta a múltiplas interpretações. Nessa configuração, os corpos e a inteligência não são mais referências dominantes em si mesmas. Em vez disso, sua existência se define pela rede de interações que os sustentam e pelas relações que produzem. No século XXI, mais do que nunca, a informação

emerge como o elemento estruturante das relações entre os seres, dissolvendo fronteiras entre o natural e o artificial, o passado e o futuro, e considerando o humano em sua *desposseção ativa*.

Como consequência, a *poscestralidade* orienta-se para um olhar multicultural e tecnológico, recusando pares dicotômicos na construção de sistemas dinâmicos e interconectados. Essa recusa, por sua vez, se alinha à perspectiva de N. Katherine Hayles (1999), em *How We Became Posthuman: Virtual Bodies in Cybernetics, Literature, and Informatics*, segundo a qual a informação não se dissocia da estrutura material, sendo, no caso biológico, inseparável do corpo. Dessa maneira, essa inseparabilidade desafia dicotomias tradicionais, como biológico versus tecnológico e ancestral versus futuro, pois as características de um circuito — enquanto elementos informacionais — são indissociáveis de sua materialidade biológica ou tecnológica.

A partir desse prisma, ao pensarmos a ancestralidade pelo viés cibernético proposto por Hayles (1999), percebemos que a entidade passada se atualiza atemporalmente, pois, ao se manifestar como informação inerente ao corpo — seguindo a inseparabilidade proposta por Hayles —, nela persiste e se transforma.

Mas, afinal, de que corpo se trata? Referimo-nos a um *corpo-circuito-ancestral*, uma estrutura complexa cujas entranhas se formam em emaranhados *sympoiéticos*. Nesses emaranhados, os agentes de constituição são *simbiontes* biológicos e *bits* informacionais, que se compõem e recompõem conforme os fluxos de memória ancestral e as atualizações tecnológicas. Esse corpo não é fixo nem pré-determinado, mas emerge em redes de interdependência, onde a ancestralidade se reconstrói a cada interação entre o biológico e o digital, o passado e o presente, em um jogo contínuo de reconfiguração material e informacional.

A *poscestralidade*, portanto, manifesta-se como um *corpo-circuito-ancestral*, pois representa um efeito imersivo da transformação do ambiente de interação emergente. Isso significa que, assim como não há ambiente sem a projeção de um ponto, nem um ponto sem um ambiente projetado — uma lei topológica —, a *poscestralidade* redefine nossa compreensão desse ambiente.

Nesse contexto, corpo e meio tornam-se entidades inseparáveis. O tempo, inicialmente percebido como uma categoria intrínseca ao organismo biológico capaz de registrar a memória do antes e do depois, ganha outra dimensão ao considerarmos a ação da *entropia* nos “corpos brutos”. Dessa forma, não podemos afirmar que vivemos em um mundo de ordem irretocável;

essa suposta ordem revela-se uma construção narrativa imposta à semiótica, a partir do contato material.

Como aponta Donna Haraway (1997), em *Modest\_Witness@Second\_Millennium\_FemaleMan© Meets OncoMouse™*, embora o apelo à tecnociência corresponda a certo deslocamento dos limites e fronteiras normatizados, a figuração do mundo contemporâneo que nos é apresentada é promovida por uma narrativa Inc., ou seja, um mundo construído e fronteirizado pelos processos de manufatura e posse.

Dessa forma, a ancestralidade não pode ser pensada à parte da produção industrial multinacional e da influência das grandes corporações tecnológicas. Se a cibernética nos permite pensar a ancestralidade como um processo dinâmico e interconectado, há ainda camadas de presença e ausência que não se deixam reduzir à pura materialidade ou ao fluxo informacional.

Por esse motivo, torna-se necessário recorrer à *teoria do espectro*, conforme proposta por Derrida, para compreender a *poscestralidade* como uma inscrição que nunca ocorre sem resíduos — um vestígio dessa complexa relação de presença e ausência que persiste e se reinscreve no *corpo-circuito*.

## ***Hauntologia e Poscestralidade: A Ancestralidade para Além do Tempo***

A ancestralidade, tradicionalmente compreendida como uma transmissão linear do passado ao presente, encontra, na *hauntologia* de Derrida (1994), um deslocamento conceitual fundamental. Em *Spectres de Marx*, Derrida (1994) propõe que o tempo não se desenvolve de maneira contínua e homogênea, mas é atravessado por espectros — presenças ausentes, rastros de um passado que não cessa de retornar. A *hauntologia*, portanto, desafia a ideia de um passado fixo e concluído, sugerindo, em seu lugar, que ele persiste no presente como um *campo de forças* em constante reatualização.

De maneira análoga, a *poscestralidade* não pode ser reduzida a uma genealogia ordenada ou a um passado estático. Pelo contrário, ela se manifesta como um entrelaçamento de matéria e informação, no qual a ancestralidade não é apenas lembrança ou registro, mas um processo de reinscrição e transformação contínua.

Nesse sentido, em um mundo atravessado pela *tecnociência*, pela digitalização e pela biotecnologia, as marcas do passado não são simplesmente preservadas, mas recombinadas, *hackeadas* e reativadas em novos contextos. A ancestralidade, assim, não se reduz a um relato fixo no tempo: ela opera como um espectro, cuja aparição nunca é definitiva, mas sempre em fluxo.

O próprio Derrida (1994) questiona essa dicotomia entre *presença e ausência* ao afirmar: "Não se faz saber: não por ignorância, mas porque este *não-objeto*, este *não-presente*, este *ser-lá* de um ausente ou partido já não pertence ao conhecimento" (DERRIDA, 1994 : 5). Há, portanto, uma zona de indeterminação onde o passado jamais se fixa inteiramente, mas ecoa no presente por meio de rastros e inscrições que escapam à linearidade do tempo.

Enquanto injunção, a *poscestralidade* reúne uma estrutura genealógica ancestral e, simultaneamente, a dissolver, transfigurando a cronologia passada em um futuro porvir. O presente, então, assume o papel de ponto de transição — elo entre diferenças, fator de conjunção que desloca a ancestralidade para além de uma imagem cristalizada do passado.

Como ilustração, pode-se considerar um conceito formulado nos séculos anteriores que, ao ser atualizado na contemporaneidade, não apenas resgata sua origem, mas a reconfigura, entrelaçando-se às novas condições materiais e informacionais que compõem o agora.

Ampliando essa perspectiva, a ficção científica oferece um terreno fértil para explorar a ancestralidade por meio de uma mutação tentacular — ideia que se alinha ao pensamento de Donna Haraway (2016), especialmente no segundo capítulo de *Staying with the Trouble: Making Kin in the Chthulucene*.

Sob esse prisma, a promiscuidade em realizar parentescos estranhos expande-se por meio de uma licença compositiva, ajustando-se a uma reconfiguração cibernética da *poscestralidade*. Tal ajuste colabora para uma melhor compreensão do efeito da relação entre entidade e meio ambiente, entendido este como um espaço moldado pelas impregnações socioculturais e políticas de comunidades humanas e *não humanas*.

Por conseguinte, ao *bricolar* Derrida (1994) e Donna Haraway (2016) como ferramentas de análise da *poscestralidade*, é possível afirmar com propriedade: "A coisa é ainda invisível, isto é, não visível" (DERRIDA, 1994 : 5). Essa invisibilidade não implica ausência, mas, antes, latência: a ancestralidade reaparece, espectral e vibrátil, nos circuitos informacionais que reconfiguram o tempo e o corpo.

Portanto, o sombreamento ontológico que caracteriza a *poscestralidade* — e que Derrida (1994) nos ajuda a compreender — abre caminhos para outras manifestações, como o *afrofuturismo*, que compartilha um comprometimento semelhante com o passado. Isso permite fundamentar a *poscestralidade* como um olhar para o passado reformulado, configurando um futuro ainda não realizado.

Isso permite fundamentar a *poscestralidade* como um olhar para o passado reformulado, configurando um futuro ainda não realizado.

## Considerações finais

Este artigo realiza uma articulação conceitual entre *ciberfeminismo*, *realismo agencial* e *afrofuturismo*, investigando suas interfaces e implicações na formulação da *poscestralidade* como campo crítico de interferência no presente. Ao lançar bases conceituais, não apenas propõe um olhar renovado sobre as relações entre tempo e identidade, mas também abre caminho para novas reflexões acerca dos desafios do século XXI. Questões de gênero, tecnologia, ecologia e cultura são abordadas sob a perspectiva de um passado que não se fixa em um ponto imóvel, mas se entretetece em múltiplas camadas, permitindo-nos compreender os sistemas em sua complexidade.

Nesse sentido, a *poscestralidade* emerge como uma chave conceitual capaz de desestabilizar narrativas lineares e hegemônicas que ainda moldam nossa percepção do tempo e da história. Ao reinscrever o passado no presente e projetá-lo no porvir, desafia a concepção de ancestralidade como vestígio imutável, revelando-a, ao contrário, como um processo em incessante transformação. Tal abordagem ressoa com especial intensidade em um mundo atravessado pela globalização, pela desterritorialização e pelo avanço célere das tecnologias, onde as fronteiras entre humano e não humano, natural e artificial tornam-se cada vez mais fluídas.

Além disso, ao articular *afrofuturismo*, *ciberfeminismo* e a *hauntologia* de Derrida, neste trabalho evidencia como práticas culturais e teóricas podem entrelaçar-se para oferecer novas formas de compreensão e intervenção na realidade. O *afrofuturismo*, por exemplo, configura-se como espaço de reinvenção de narrativas identitárias e históricas, permitindo que comunidades marginalizadas projetem-se no futuro por meio da ficção especulativa e da criação artística. Autoras como Octavia Butler exemplificam como a ficção científica não apenas investiga

questões de raça, gênero e poder, mas também desafia concepções convencionais de tempo e espaço.

Por outro lado, *o ciberfeminismo e o realismo agencial e a cibernética* alicerçados em pensadoras como Donna Haraway, Karen Barad e N. Katherine Hayles, incitam reflexões sobre as *inter-relações* entre humanos, tecnologia e ecologia. Nessa perspectiva, a ideia de corpos híbridos e circuitos informacionais dissolve dicotomias tradicionais entre o orgânico e o tecnológico, abrindo margem para uma visão mais integrada da materialidade e da agência. Tais perspectivas são cruciais para o enfrentamento dos desafios contemporâneos, tais como as crises climáticas, a inteligência artificial e as desigualdades sociais, os quais exigem abordagens interdisciplinares e colaborativas.

Convém destacar, ainda, que *a hauntologia* de Derrida nos lembra que o passado jamais desaparece por completo; ele persiste no presente e molda o futuro. Esse princípio revela-se central à *poscestralidade*, que reconhece a presença de espectros históricos e culturais em nosso cotidiano e propõe formas críticas e criativas de dialogar com tais vestígios. Longe de exorcizar esses fantasmas, a *poscestralidade* nos convida a escutá-los, compreender suas reverberações e transformá-las em potência.

Em suma, este artigo não apenas apresenta um promissor conceito teórico, mas também sugere caminhos para futuras investigações e aplicações concretas. A *poscestralidade* pode constituir-se como ferramenta valiosa para artistas, ativistas, cientistas e teóricos que almejam reconfigurar as relações entre passado, presente e futuro em um mundo cada vez mais interconectado. Simultaneamente, ela nos desafia a interrogar pressupostos e preconceitos enraizados, convidando-nos à imaginação de novas formas de existência e resistência.

---

## Referências Bibliográficas

- BARAD, Karen (2007). *Meeting the Universe Halfway: Quantum Physics and the Entanglement of Matter and Meaning*. Durham: Duke University Press.
- BATESON, Nora (2016). *Small Arcs of Larger Circles*. Axminster: Triarchy Press.
- BRAIDOTTI, Rosi. *The Posthuman*. Cambridge: Polity Press, 2013.
- BUTLER, Octavia E (2004). *Kindred*. Boston: Beacon Press.

- DERRIDA, Jacques (1994). *Specters of Marx*. Tradução de Peggy Kamuf. New York: Routledge.
- ESHUN, Kodwo (1998). *More Brilliant Than the Sun: Adventures in Sonic Fiction*. London: Quartet Books.
- FISHER, Mark. *Ghosts of My Life: Writings on Depression, Hauntology and Lost Futures*. Winchester: Zero Books, 2014.
- GREIMAS, Algirdas Julien (1970). *Du sens II – Essais Sémiotiques*. Paris: Éditions du Seuil.
- HALL, Stuart (2003). *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Organização de Liv Sovik. Tradução de Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil.
- HALL, Stuart (2015). *Cultural Identity and Diaspora*. In: WILLIAMS, Patrick; CHRISMAN, Laura (org.). *Colonial Discourse and Post-Colonial Theory: A Reader*. London: Routledge, pp. 392-403.
- HARAWAY, Donna (1997). *Modest\_Witness@Second\_Millennium.FemaleMan©\_Meets\_OncoMouse™*. London: Routledge.
- HARAWAY, Donna (2016). *Staying with the Trouble: Making Kin in the Chthulucene*. Durham; London: Duke University Press.
- HAYLES, N. Katherine (1999). *How We Became Posthuman: Virtual Bodies in Cybernetics, Literature, and Informatics*. Chicago: University of Chicago Press.
- LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm (2016). *Monadologia*. Tradução de Adelino Cardoso. Lisboa: Editora Colibri.
- LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm (1980). *Novo ensaio sobre o entendimento humano*. Tradução de Luiz João Baraúna. São Paulo: Abril Cultural.
- RUYER, Raymond (1954). *La cybernetique et l'origine de l'information*. Flammarion.
- WOMACK, Ytasha L (2013). *Afrofuturism: The World of Black Sci-Fi and Fantasy Culture*. Chicago: Chicago Review Press.